

O Conceito de «Espaço» e as várias Perspectivas que Contribuem para a sua Definição

Luís Miguel Cunha*

Resumo

A presente comunicação tem como objectivo fundamental abordar o conceito de «Espaço» e chamar a atenção para a importância que tem a relação deste com o processo desportivo.

Pretende-se olhar o processo desportivo com uma nova perspectiva de modo a entender-se a capacidade que o desporto tem de manifestar-se no espaço.

A realização de actividades, o comportamento dos agentes, a localização de instalações, entre outros aspectos, contribuem para uma capacidade de afirmação do desporto no espaço. O desporto prefigurar-se-á uma vertente de produção de um espaço próprio, do espaço desportivo.

Como forma de realizarmos os objectivos, socorrer-nos-emos dos contributos de alguns autores de formações diversas que apresentaremos sob três perspectivas:

1. A perspectiva psicológica
2. A perspectiva sociológica
3. A perspectiva económica

Na perspectiva psicológica, explicamos a contribuição de A. Frémont, citando Moles e Rohmer, e a sua referência às «conchas do homem».

Os autores definem o espaço segundo uma referência em ordem ao próprio indivíduo e identificam um conjunto de comportamen-

* FMH/UTL.

Boletim SPEF, n.º 7/8 Inverno/Primavera de 1993, pp. 89-100.

tos e actividades que este realiza em cada «concha», hierarquizando e dando significado a cada um dos níveis em que o espaço assim se organiza.

Na perspectiva sociológica, apresentamos o ponto de vista de M. Castells e o seu entendimento sobre os quatro elementos da estrutura urbana:

1. O processo de produção (P).
2. O processo de consumo (C).
3. O processo de intercâmbio (I).
4. O processo de gestão (G).

Finalmente na perspectiva económica, o espaço é entendido através de processos de abstracção, onde a multidimensionalidade do conceito é um facto mensurável e representável. A contribuição fundamental é de A. Simões Lopes, que nos chama a atenção para a presença dos objectos ou indivíduos no espaço e pelas relações que entre eles se desenvolvem, contribuindo deste modo para uma definição e caracterização deste conceito.

1. A Perspectiva Psicológica

A perspectiva psicológica encara o «espaço» a partir do ponto de vista do indivíduo. Em função e a partir de si próprio, o sujeito organiza o espaço que o envolve. As suas actividades, as vivências, os comportamentos e as atitudes, diferentes consoante o tipo de espaço onde se realiza, ajudam a encontrar uma ordem, a identificar aspectos, que contribuem para a caracterização e diferenciação do espaço.

O «espaço» nesta perspectiva, define-se pelo conjunto de actividades, comportamentos e atitudes que o sujeito desenvolve, num local de determinadas dimensões a que ele, pela sua acção, atribui características.

Sob esta perspectiva, considerámos as contribuições de dois autores. Para estes, A. Moles e E. Rohmer (1972) citados por A. Frémont (1976), o «espaço» é concebido no seu conceito, em relação ao modo como é vivido e assim é hierarquizado.

«O espaço vivido parece assim constituído por uma compactação de estratos sucessivos que se acumulam, apertam, se esboroam, se esquecem mais ou menos...»

Esta estratificação comporta evidentemente componentes pessoais próprios de cada indivíduo, das suas qualidades e virtualidades específicas, mas insere-se também num sistema de contingências de que o casamento, o trabalho, o serviço militar, as migrações revelam bastante bem as referências, de uma ordem económica e social» (Frémont, A., 1976).

«Como o mostram A. Moles e E. Rohmer, o problema da liberdade individual põe-se também em termos de espaço.» (idem).

Estes autores hierarquizam e estratificam o espaço em torno do «*Ponto Aqui*» que definem como o centro do universo para cada indivíduo, como sendo aquela referência espacial, a partir da qual ele se estrutura e se referencia face a todo o universo exterior.

A partir deste «*ponto aqui*», o espaço estrutura-se em volta de oito «conchas» ou camadas, que o sujeito vai progressivamente conquistando com vivências crescentes ao longo da sua vida desde a infância, pela adolescência, até à idade adulta.

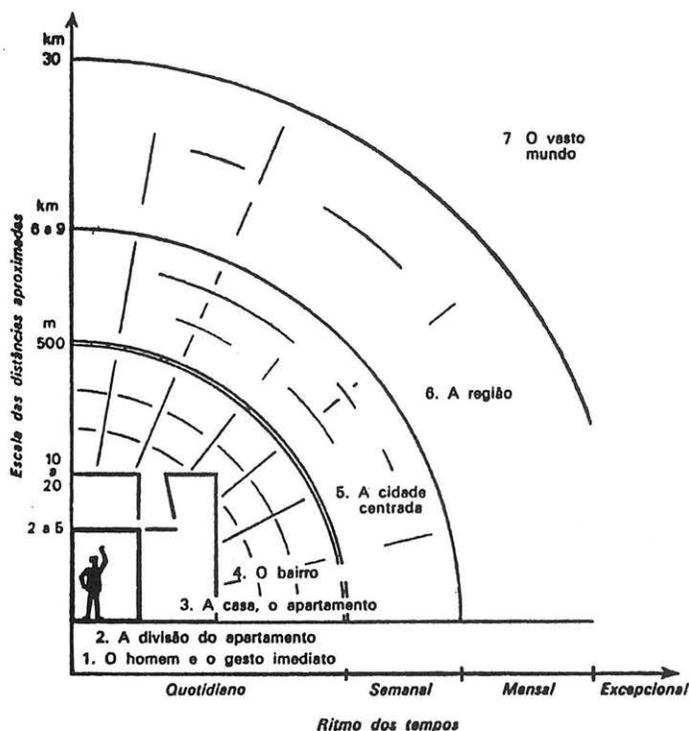


Figura 1
As conchas do homem (segundo Moles e Rohmer)

O «*ponto aqui*»

A primeira esfera o «*ponto aqui*» define os seus limites corporais e abrange a noção de «corpo próprio».

É uma dimensão do espaço onde o indivíduo lida com a corporalidade numa esfera mais íntima, numa relação consigo próprio e que coloca um primeiro tipo de problemas.

Associam-se a este espaço valores que têm directamente a ver com a imagem do corpo, a higiene, a saúde e outros que relacionam o homem

consigo mesmo. Estamos no domínio individual da intimidade, com os valores que lhes estão associados, mas também no entendimento da relação deste com o resto do mundo, com o seu envolvimento.

A iniciação às modalidades desportivas obriga à ultrapassagem deste nível íntimo, individual, no sentido de ser enriquecido pelas possibilidades vivenciais que o desporto oferece e pelas contribuições importantes que este desenvolve, na aquisição de uma noção de «corpo próprio» mais forte, mais sedimentada, mais adquirida ao nível da motricidade.

O gesto imediato

O «*gesto imediato*» delimita uma segunda fronteira, onde o contacto com os objectos e com as primeiras funções tem lugar. Aqui, o indivíduo amplia o nível espacial anterior enriquecendo-o.

Segundo vários psicólogos (Wallon, Piaget), é na relação com os objectos que as primeiras noções de estrutura são constituídas nas crianças. O espaço tem também uma visão estrutural que precisa de ser captada, assimilada e construída pelo indivíduo. Na relação com os objectos, com as suas dimensões, distâncias em relação a outros, estas noções vão sendo adquiridas e tomando significado.

A sala do apartamento

Este espaço é delimitado pelo alcance imediato da visão que termina na parede da sala.

A fronteira dos objectos próximos é ultrapassada pelo acesso ao conjunto de todos os objectos. As noções de «estar próximo», «estar afastado» tomam sentido neste nível e adquirem um significado mais amplo, permitem uma visão global, diferente da visão parcelar do nível anterior.

O apartamento

O apartamento reproduz a «toca» e o «refúgio» onde a fronteira da intimidade se encerra em torno do indivíduo, dos objectos cuja posse ele detém e dos seus familiares.

As funções diárias, a espontaneidade de movimentos e relações, são exercidas sem esforço de maior.

Os primeiros jogos infantis, onde a sociabilidade emerge pela primeira vez, são realizados em recintos com estas dimensões e com estes tipos de características. As próprias motivações inerentes à organização destes tipos de jogos e brincadeiras, estão intimamente ligadas com os

esconderijos, as tocas, os refúgios onde a sociabilidade e o contacto entre os indivíduos é mais forte.

Os jogos e os desportos que se realizam em salas de desporto ou mesmo em salões com estas dimensões, envolvem analogamente, aspectos ligados com a sociabilidade entre praticantes, muitas vezes realizadas para além da actividade.

O bairro

O bairro, descendente urbano da aldeia, apresenta-se como o lugar carismático, onde o indivíduo é conhecido e onde o sentimento de pertença se gera frequentemente. Todo este espaço, esta envolvência é por ele conhecida. O controle social define-lhe uma posição hierárquica na escala social.

Em termos desportivos, no bairro é onde tudo começa: assiste-se ao aparecimento dos primeiros grupos naturais, das primeiras estruturas e da sua posterior institucionalização, originando as primeiras colectividades.

O clube desportivo começa a manifestar-se a este nível.

É ao nível do bairro, na vizinhança ou fronteira com os outros bairros que a escola se situa e onde através dela, o clube escolar também se desenvolve.

A cidade centrada

A cidade centrada define um espaço de atracção, onde se encontram inúmeros serviços de utilidade para o indivíduo. Ela aparece com linguagens, símbolos e imagens múltiplas e constitui-se como «território de caça» que o indivíduo pode explorar, visitando, fazendo compras, efectuando novos contactos, etc. Por outro lado e dada a dimensão, a multiplicidade de situações e a natureza fortuita e superficial dos contactos, o indivíduo pode circular sem ser identificado.

A cidade aparece também como um espaço múltiplo de oportunidades e relações.

Em termos desportivos, é ao nível desta concha, que vamos encontrar, não apenas os clubes, os espaços e as instalações de bairro, mas todos aqueles que têm uma codificação, peso institucional e dimensões maiores e de nível mais elevado, totalmente diferentes do nível anterior.

A região

«A região é definida como o conjunto de lugares onde o homem pode ir e vir em menos de um dia (...). A região existe na medida em que não há controle legal da sua passagem.

A região conduz para lá do quotidiano e do familiar (...), detém-se no limite do excepcional, da aventura» (Frémont, A., 1976).

É ao nível da cidade centrada e ao nível da região, que podemos identificar a decorrência dos quadros competitivos das diversas modalidades desportivas tradicionais.

No entanto, a região traz consigo o acesso à diferença de espaços, de tempos, de pessoas e outros aspectos que o sujeito pode disfrutar com relativa facilidade.

A permanência ao nível desta concha é de periodicidade mensal. O limite temporal que impõe as fronteiras da região, ajuda-nos a entender algumas condicionantes à realização e organização de determinados fenómenos desportivos.

A necessidade de se percorrerem distâncias para participar numa prova desportiva, para usufruir de um espaço natural e de se regressar ao ponto de partida, impõe, limites que interessam aos processos de planeamento do desporto.

O vasto mundo

«O vasto mundo, que engloba o planeta, situa-se como um espaço de projecto, a zona de viagens e exploração, (...) o reservatório do novo» (Frémont, A., 1976).

O vasto mundo aparece ao indivíduo como o espaço sem referências ou com poucas, onde o sentimento de insegurança é mais forte, onde à partida, pode contar apenas consigo próprio e onde por isso, os riscos que corre são de maior dimensão.

O vasto mundo, ultrapassando as fronteiras da região, ajuda a definir os espaços naturais onde as actividades desportivas de aventura e exploração da natureza têm lugar.

A actividade desportiva não se esgota aqui, apenas na própria actividade, mas inclui tudo o mais que a antecede e lhe dá sequência: são os preparativos, as viagens, a estadia, o regresso e um sem número de acontecimentos que é necessário controlar para além da prova propriamente dita.

Segundo Frémont *«as 'conchas' recentram o espaço sobre quem o apreende. Além disso, estabelecem uma dupla relação bastante coerente, entre as conquistas do espaço infantil e as estabilizações da idade adulta, entre as contingências do espaço socializado e as pulsões dos comportamentos individualizados».*

Determinados fenómenos desportivos acontecem em espaços que para o indivíduo podem ser identificados em qualquer destes tipos de «conchas».

Surge-nos uma primeira interrogação: será que poderemos estabelecer um «*contínuum*» de jogos e modalidades desportivas sobreponíveis nestas conchas onde colocaríamos num dos lados os primeiros jogos infantis, desde as acções motoras dos latentes e no outro extremo, as modalidades desportivas de aventura e sobrevivência realizadas pelos jovens e pelos adultos?

Uma outra reflexão plausível, é a de tentarmos identificar para cada um dos espaços ou conchas aqui apresentados, um conjunto de modalidades desportivas que, com a sua riqueza motora, contribuem para a aquisição da noção de «*espaço-vivido*». Isto é, o domínio de uma modalidade desportiva contribuirá assim nesta visão, para o próprio domínio vivencial do «*espaço-concha*» em que este se desenvolver?

Se o pudermos entender deste modo em relação a determinado tipo de práticas motoras e desportivas, assim o faremos em relação às instalações que dão suporte a estas actividades e que têm uma localização específica.

O espaço e as conchas nas quais ele se organiza, ganham significado desportivo pelo tipo de instalações que suporta e que assumem significado para o conjunto dos indivíduos e utilizadores.

2. A *Perspectiva Sociológica*

Para os sociólogos o espaço é essencialmente um local de interacção entre os indivíduos e os grupos sociais. Aqui jogam-se lutas, antagonismos, compromissos e solidariedades.

O espaço é essencialmente uma fonte de *regulação social*.

Os sociólogos de concepções marxistas reduzem-no ao átrio de confronto entre níveis ou classes e grupos sociais.

A regulação social é efectuada pelo espaço através de símbolos que actuam sobre os indivíduos e o seu comportamento:

Uma rua, o pavimento das estradas, as linhas pintadas no asfalto e os semáforos regulam o comportamento dos automobilistas. O passeio é destinado aos peões. As divisórias, os muros e sebes constituem fronteiras que não devem ser ultrapassadas de qualquer modo. Os monumentos, as estátuas, atribuem significado aos locais onde estão (praças públicas e avenidas), através da veiculação de valores criam ambiências que regulam os comportamentos e atitudes que se esperam que os cidadãos tenham nesses locais. Os edifícios, pela sua vocação, pelas suas funções, assumem também simbolicamente este papel regulador. É neles que se desenvolve e realizam determinadas funções e actividades.

As próprias cidades são vistas agora não apenas como construções de edifícios, mas acima de tudo como conjunções de símbolos que estes representam, manifestando um código próprio de referência que identifica a vocação de uma cidade e a diferencia das demais.

Elas representam o espaço dando-lhe significado.

As paisagens, embora com uma intervenção humana menor, são vistas sob esta perspectiva, ganhando do mesmo modo o seu significado próprio e que se prende com valores como a descompressão, o equilíbrio, o repouso ou a própria possibilidade de intervenção futura.

O espaço físico adquire uma componente simbólica e assume-se como «*espaço-representação*».

A acessibilidade dos cidadãos a estes espaços, é então diferenciada em relação aos diversos grupos sociais que deles disfrutam desigualmente.

O desporto contribui nesta perspectiva, para o estabelecimento deste conceito de «*espaço-representação*». Ele fornece uma significação desportiva através das diversas instalações: campos de futebol, rãguebi, pavilhões, ginásios, polivalentes, «*health-clubs*», saunas, piscinas, campos de ténis, autódromos, hipódromos, estâncias de inverno e de verão, trilhos de aventura, etc., que se assumem assim como símbolos no próprio espaço.

Elas fornecem uma vocação ao espaço pelo tipo de actividades que proporcionam. Geram fluxos de atracção e deste modo contribuem para a organização do espaço.

O acesso às práticas desportivas e aos espaços que as suportam adquire também para os cidadãos uma determinada concepção do *espaço-representação*.

Esta acessibilidade traduz-se:

1. Em termos espaciais pela *proximidade física* relativa dos cidadãos.
2. Em termos *financeiros* pela capacidade de suportar os custos inerentes à utilização destes espaços, ao equipamento para as actividades e ao percurso que medeia entre os locais de residência e os locais de actividade.
3. Em termos de *tempo*, dada a necessidade de o cidadão poder dispôr de tempo livre para realizar estas actividades.

A pertença a um determinado grupo social, gera no indivíduo determinadas perspectivas ideológicas face ao espaço e ao seu conceito.

O grupo social pela apropriação que é capaz de realizar assume-se ideologicamente com concepções mais restritivas ou mais permissivas face ao espaço.

As Cidades, o Espaço e o Desporto

As cidades dão significado ao espaço representando-o. O desporto, porque acontece na cidade, é também um símbolo e contribui para essa representação e do próprio espaço.

Neste sentido, torna-se necessário, compreender a cidade para entender mais profundamente a relação do desporto com o espaço.

Socorrêmo-nos de Manuel Castells (1975) sobre o seu entendimento da cidade:

«Uma cidade (...) ou uma região urbana é uma colectividade social multifuncional territorialmente delimitada».

A estrutura urbana é (...) um sistema socialmente organizado dos elementos que definem uma aglomeração urbana no espaço».

A estrutura urbana tem para este autor quatro tipos de elementos:

1. o processo de produção (P)
2. o processo de consumo (C)
3. o processo de intercâmbio (I)
4. o processo de gestão (G)

1. *O processo de produção (P)* engloba todas as actividades que contribuem de forma directa para a formação de bens ou serviços produtivos. Fábricas, oficinas, etc. ocupam determinadas áreas da cidade.
2. *O processo de consumo (C)* é considerado como sendo a apropriação individualizada do produto do trabalho, e essa apropriação é realizada num lugar: a habitação. A habitação representa, pelo que acontece em torno dela, todo o processo de consumo e tem também uma localização específica na cidade.
3. *O processo de intercâmbio (I)* define-se pelo conjunto dos espaços que são destinados à troca de mercadorias, bens e serviços ao nível do comércio, mas também ao nível das ideias e das pessoas.
4. *O processo de gestão (G)* diz respeito a todos os espaços que têm uma função específica ao nível da administração, edifícios-sede de companhias, bancos, administração pública e outras funções de gestão, etc. Por outro lado incluem-se também todos os processos de regulação urbana que permitem o modo de vida na cidade (semáforos, vias de comunicação, etc.).

A partir do estabelecimento destes elementos, que são processos urbanos, levantam-se-nos uma série de interrogações:

Os espaços na cidade estão mais vocacionados para uma lógica produtiva, de consumo, de gestão ou de intercâmbio? Como é que o desporto disfruta do acesso ao espaço?

A acessibilidade aos espaços definidos por estes tipos de processos é restritiva ou é, pelo contrário, aberto a todos os cidadãos? e como se mede essa acessibilidade?

Face a este conjunto de elementos, o desporto terá presença em todos os tipos de processos ou em apenas em um deles?

Pode o desporto contribuir para a produção do espaço? poderemos falar numa produção do espaço desportivo?

3. *A Perspectiva Económica*

Para os economistas tradicionais, o espaço era essencialmente um recurso necessário ao processo produtivo. Por esse motivo, ele assume-se como um recurso escasso, finito, atraindo a atenção dos economistas.

Por outro lado, a visão que se tinha do espaço era essencialmente euclidiana, sendo este explicado com recurso a três dimensões.

As técnicas matemáticas de que se servem hoje os economistas, recorrendo a uma enormidade de variáveis para explicarem determinados fenómenos, permite encarar o espaço com outras perspectivas.

O recurso à matemática permite um tratamento abstrato das variáveis que se manifestam no espaço físico e por isso coloca a visão antiga do espaço sob uma perspectiva redutora.

Hoje, o espaço pelas significações e variáveis que comporta, apresenta uma infinidade de dimensões que contribuem para o seu entendimento.

Para além das características físicas, «*O espaço tem uma dimensão geográfica, histórica, económica e social*» (Lopes, A.S., 1979).

(...) «*O espaço é assim um produto material. como se pode considerar que os homens o são; entre eles, espaços e homens, estabelecem-se relações sociais determinadas que os influenciam e dão ao espaço formas, funções e significado social*».

«*A forma como se distribuem no espaço os homens e as actividades não provém do acaso e a afirmação de que os processos sociais que estruturam o espaço urbano exprimem os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social, é perfeitamente generalizável a todo o espaço.*» (idem).

Neste sentido, estamos perante novas concepções, novos modos de encarar o espaço: o espaço é visto a «*n*» dimensões e «*(...) é definido pelos objectos e pelas relações entre eles*» (...)

O espaço é definido pelas actividades e suas localizações e pela relação que entre elas se estabelece.» (idem).

O espaço pode definir-se assim a partir de um conjunto de dados localizados em diferentes pontos, porque «*o que dá unidade ao espaço são as suas características e a natureza das suas relações de interdependência*» (idem).

Estamos no domínio da abstracção, e as relações que os objectos estabelecem consigo mesmos, com os outros objectos e com todo o sistema em causa, atribuem ao espaço características e propriedades cuja plasticidade e dinamismo contrastam com a visão estática euclidiana.

O Espaço e o Desporto

Neste sentido, o espaço pode ser interpretado sob uma perspectiva desportiva e este ser explicado segundo uma perspectiva espacial.

Analisar os elementos de uma região, de um país ou de um município, relativamente aos quadros condicionante, material, humano orgânico e de apoio do processo desportivo, recorrendo a este conjunto de técnicas, permitir-nos-á entender dinâmicas que se geram no seu interior, perceber a estrutura do sistema e de que modo é que ele se desenvolve no espaço.

A introdução da variável espaço na análise do processo desportivo obriga a repensar toda a problemática do planeamento do desporto, dado que o espaço não é homogéneo, apresenta especificidades localizadas diferentemente e para as quais também é preciso encontrar respostas diferenciadas.

Por outro lado, o processo de desenvolvimento desportivo, através da rede de equipamentos e pela própria manifestação de si, tende a contribuir para a formação de uma visão do espaço que interessa analisar.

O desporto tem assim uma capacidade própria de intervir no espaço e de produzir os seus espaços próprios:

Ao nível das instalações estandardizadas ou vocacionadas para as práticas desportivas informais.

Ao nível dos grandes espaços naturais através do seu aproveitamento pelo desporto.

Ao nível do tecido urbano, reservando determinadas áreas destinadas ao desporto e ao recreio físico dos cidadãos.

Gerando fluxos entre pontos diversos do território nacional, municipal, regional e internacional onde se manifestam agentes e organizações que pelos seus papéis criam espaços e dão significado a esses mesmos espaços.

Dando vocação aos espaços pelo aproveitamento e pela instalação de equipamentos de desporto, organizando deste modo, o espaço em torno deles e dos acontecimentos que a partir deles se desenvolvem.

4. Bibliografia

CASTELLS, Manuel (1972). «Problemas de investigação em sociologia urbana» — 2.^a edição, Biblioteca de textos universitários, ed. Presença, Lisboa, 1979.

- EINSTEIN, A. e MINSKOWSKI (1958). «O princípio da relatividade» — 1 vol., 3.^a edição, F. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.
- FRÉMONT, Armand (1976). «A região, espaço vivido» Liv. Almedina, Coimbra, 1980.
- LOPES, A. Simões (1979). «Desenvolvimento Regional — problemática, teoria, modelos», 2.^a edição, F. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984.